

As transformações geopolíticas e o pensamento Nazista na Segunda Guerra Mundial: as perseguições aos ciganos (1939–1945)

Las transformaciones geopolíticas y el pensamiento Nazi en la II
Guerra Mundial: las persecuciones de los gitanos (1939–1945)

Caio Murilo Pereira

Graduando em História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
murilo.caio@pucpr.edu.br

Beatriz Ramos da Cruz

Graduanda em História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
ramos.cruz@pucpr.edu.br

Nicoli Ferreira de Mello

Graduanda em História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
nicoli.mello@pucpr.edu.br

Taysa Rocio da Silva

Graduanda em História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
taysa.silva@pucpr.edu.br

Priscila Padilha de Lima

Graduanda em História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
priscilapadilhadelima@hotmail.com

Recebido em: 03/06/2020

Aprovado em: 27/11/2020

Resumo: O pensamento nazista de perseguições aos diversos grupos fora promulgado por meio do Estado e reforçado por Adolf Hitler na Alemanha do Terceiro Reich. No entanto, tais perseguições não “surgiram” exatamente naquele contexto. Em 1925, Hitler já demonstrava o que viria a ser um pensamento racista, atacando os povos judeus e os próprios ciganos. Nota-se que a historiografia não enfoca tanto nos ciganos da mesma forma que os judeus. Devido a isso, realizamos este artigo utilizando da análise do discurso, além do uso de textos do Capítulo 11 de *Mein Kampf* do próprio

Adolf Hitler. A pesquisa obteve resultados que demonstram a ampla influência do pensamento nazista antes mesmo da eclosão do Terceiro Reich, utilizada para justificar o extermínio cigano entre os anos de 1939 a 1945.

Palavras-chave: II Guerra Mundial; Nazismo; Ciganos.

Resumen: El pensamiento nazi de persecuciones a los varios grupos fueron promulgadas mediante lo Gobierno y reforzado por Adolf Hitler en la Alemania del Tercero Reich. Pero no “ha comenzado” exactamente en ese contexto. En 1925, Hitler demostró lo que sería uno pensamiento contra las razas atacando judíos y los propios gitanos. Pero la historiografía no se centra tanto en los gitanos como en los judíos. En medio de eso, hacemos este artículo mediante la metodología de análisis del habla y los usos de textos como fuente histórica con el capítulo 11 de *Mein Kampf* de Adolf Hitler. De esa manera, tuvimos resultados que demuestran la amplia influencia de lo pensamiento nazi incluso antes del Tercero Reich, lo que usó para justificar el exterminio gitano entre los años de 1939 y 1945.

Palabras clave: II Guerra Mundial; Nazi; Gitanos.

Introdução

As transformações geopolíticas da Alemanha consistiram em mudanças profundas que reordenaram as fronteiras do território e da sua sociedade, incluindo o sistema de crenças e de pensamentos, isto é, o Nazismo. Não restringindo-se somente ao território alemão, o pensamento nazista se expandiu, pregando ideias por uma vasta área do continente europeu e atingindo imensidões populacionais — como, por exemplo, os próprios grupos ciganos.

Diante dessas circunstâncias, uma figura extremamente importante para a disseminação nazista foi o austríaco Adolf Hitler (1889–1945) que, já no ano de 1925, publicou e propagou suas principais ideias. Por meio de seu livro *Mein Kampf*¹, Hitler construiu um discurso social, pautado em teses biológicas eugenistas e em uma necessidade de purificar a Nação por meio da extinção dos povos não arianos. Levando tais aspectos em conta, levanta-se o questionamento que norteia o artigo: de que forma as transformações geopolíticas e o pensamento Nazista da Alemanha, na Segunda Guerra Mundial, culminaram com as perseguições ao povo cigano? Para tanto, é essencial compreender que o discurso de Hitler, no Capítulo 11 de seu livro, passa a ser construído a fim de fazer uma mediação entre o homem e a realidade natural e social (ORLANDI, 2001).

¹ O livro *Mein Kampf* — em português, “Minha Luta” — foi escrito durante o período em que Hitler cumpria pena por tentar armar um Golpe contra o governo de Munique (1923).

Ainda por esse viés, entendemos que a linguagem encontrada na fonte é materializada na ideologia que passa a se manifestar por meio da língua e das palavras, ou seja, a linguagem não é transparente. Isso significa que a análise do livro de Hitler (1983) visa exprimir o pensamento nazista e seus postulados principais, e não a concordância com aquilo que ele argumenta. Dado o exposto, para a realização desta pesquisa utilizou-se como metodologia a análise do discurso, com base no que é proposto pelos autores Cardoso e Vainfas (1997) e Orlandi (2001).

Cabe ressaltar que quando se é discorrido sobre o conceito de “raça” neste artigo, estamos nos referindo às concepções do Darwinismo Social, largamente proposto e aceito durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Atualmente, o termo não é mais aceito dentro das Ciências quando se trata de definir a espécie humana (BOLSANELLO, 1996).

Diante dessas considerações, torna-se perceptível que os ciganos foram alvos das ideias promulgadas por Hitler antes mesmo do Terceiro Reich. Nele, pode-se perceber a aversão do líder nazista aos grupos que não se encaixavam em suas teses arianas, por meio dos estudos de Stackelberg (2002), que discorre acerca do contexto histórico do Terceiro Reich. Além disso, Guimarães (2015) e Moonem (2011) evidenciam as perseguições que ocorreram a partir de 1935 com as Leis de Nuremberg para proteger o Sangue Alemão.

Desse modo, o artigo evidencia o impulso e as transformações da geopolítica entre os séculos XIX e XX na Alemanha, o pensamento Nazista e as perseguições aos ciganos durante o Terceiro Reich. Por meio disso, é evidenciada a transfiguração de uma Alemanha que buscou não apenas expandir o seu território politicamente, como também disseminar pensamentos repressivos de um *Führer* (líder) obcecado com a raça ariana.

Os conceitos de Geopolítica e Espaço Vital associados ao pensamento nazista

Quando se trata de contemplar um estudo sobre o conceito de “geopolítica” com os parâmetros da historiografia, o principal aspecto a ser analisado está vinculado aos acontecimentos do século XX. Arcassa e Mourão (2011) afirmam que as concepções da geopolítica podem ser compreendidas como um dos descendentes diretos do desejo humano em construir uma ciência de poder. Assim, “[...] a geopolítica, graças a uma apreensão científica das interações entre o homem e o espaço, fornece os subsídios necessários à compreensão das leis do poder” (ARCASSA; MOURÃO, 2011, p. 2).

Diante dessas afirmações, vem a ser essencial dar ênfase ao conceito de poder. Claval, citado por Arcassa (2018), descreve que “poder não é apenas estar em condições de realizar por si mesmo as coisas, é também ser capaz de que sejam realizadas por outros”. Já em Hannah Arendt², Perissinoto (2004) descreve que o poder é o momento que traz as leis à existência e que retira o consentimento que sustentará a manutenção futura das instituições. “Por isso, lembra Arendt, todo governo depende [...], da opinião, enquanto [...] a violência pode operar em oposição a ambos” (PERISSINOTO, 2004, p. 117). Por meio dessas afirmações, fica evidente que a geopolítica do século XX traça o mesmo segmento que a política de poder, embora a geografia política, na Alemanha, não possa ser limitada apenas a trabalhos de conceitualização de uma política de poder (ARCASSA; MOURÃO, 2011, p. 4).

A noção da geopolítica pode também ir muito além do que o seu real significado apresenta. De acordo com Santos e Santos (2016, p. 320), “a geopolítica é um fato intrínseco da ciência geográfica”. A partir desse aparato, um primeiro tópico a ser levantado acerca das concepções de geopolítica está relacionado à própria origem do termo. Para Lacoste (2002), por exemplo, a etimologia da palavra “geopolítica” foi designada no crepúsculo do século XIX por Johan Rudolf Kjellén³, professor das Universidades de Gotemburgo e Uppsala, na Suécia. Embora não haja um verdadeiro consenso cronológico ou temporal sobre as primeiras utilizações do referido termo entre os estudiosos, o neologismo “Geopolítica Clássica”, para Lacoste (2002), foi um verdadeiro produto direto do contexto histórico-político e vivido por Kjellén na virada do século XIX para o XX.

Mesmo sendo fruto de um pensamento político que inicialmente surgiu e permeou no Estado sueco, a geopolítica ganhou consistência a partir das Grandes Guerras da Era Contemporânea. Em seus estudos, Amusquivar e Passos (2018) indicam que a discussão sobre esse termo obteve peso dentro de uma escala mundial a partir de um contexto histórico de disputas territoriais, uma vez que tal etapa da História fora marcada por grandes transformações e inserida no cenário que comporta a narrativa do mundo contemporâneo. Desse modo, o termo “geopolítica” ganhou plena notoriedade a partir dos desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, pautando as estratégias dos Estados na

² Perissinoto (2004) utiliza de Hannah Arendt para conceituar poder, uma vez que a referida autora define o tema central de seu pensamento para caracterizar a distinção entre poder e violência.

³ **Johan Rudolf Kjellén** (Torso, 1864/Uppsala, 1922) foi um cientista, político, jurista, sociólogo e professor sueco. Dentre suas mais variadas contribuições no ramo das Ciências, ganhou notório destaque por lapidar uma nova área do conhecimento dentro do campo da Geografia: a Geografia Política. Disponível em: <<https://rbed.abcdef.org/rbed>>. Acesso em: 13 de mai. de 2020.

reformulação de suas políticas entre definições espaciais, sobretudo das grandes potências (AMUSQUIVAR; PASSOS, 2018, p. 19).

Em se tratando da Alemanha, por meio de suas muitas transformações no período entre guerras, o impulso dos estudos sobre a geopolítica fora implementado com o intuito de ampliar o seu território. Arcassa afirma que a geopolítica, em consequência da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e do descontentamento alemão com a República de Weimar, ocorrera no período que sucede a assinatura do Tratado de Versalhes. “Para os cientistas alemães e, portanto, também para os geógrafos, tratava-se de [...] ferramentas de um saber adaptado, que ajudariam a Alemanha a obter o lugar a que tinha direito na Europa [...]” (ARCASSA, 2018, p. 1052). A partir disso, em meados da década de 1920, a *Zeitschrift für Geopolitik* — Revista de Geopolítica — passou a ser publicada por Karl Haushofer (1869–1946), o geopolítico que ilustra o máximo do pensamento alemão da época.

Lacoste (2002) enfatiza que, com a ligação de estudos geográficos baseados na esfera da historiografia Rankeana⁴, da mesma forma que pelos apontamentos feitos por Treitschke⁵, surgiu, na Alemanha, o que ficou conhecido como a “Escola de Munique”. Conforme afirma Fernandes (2011), um saber de massas que objetivava o poder da vontade, as qualidades raciais e a excepcionalidade da tecnologia alemã serviram para ensinar aos alemães a melhor maneira de explorar a sua posição geográfica. Com base nisso, os ideais geopolíticos alemães, que permearam entre os anos de 1933 a 1945 e que eclodiram com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, tiveram como propulsora a Escola de Munique. Assim, a referida instituição alemã visou “[...] tratar os assuntos do Estado a partir da fusão da área da Geografia com a Ciência Política” (AMUSQUIVAR; PASSOS, 2018, p. 29).

Submetida de forma integral ao Terceiro Reich⁶ e se tornando um mero instrumento para a promoção e divulgação do esforço bélico Hitleriano, a geopolítica aplicada pela Escola de Munique

⁴ Modelo de historiografia criado pelo historiador alemão, **Leopold Von Ranke** (Wiehe, 1795/Unstrut, 1886). Esse modelo historiográfico consiste, basicamente, na observação e nas limitações de fontes narrativas.

⁵ **Heinrich Von Treitschke** (Dresden, 1834/Berlim, 1896) foi um historiador, escritor político e membro do Partido Nacional Liberal do Reichtag, parlamento alemão. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Heinrich-von-Treitschke>>. Acesso em: 14 de mai. de 2020.

⁶ Segundo a explicação de Andrighetto e Adamatti (2016, p. 63), o Primeiro Reich foi considerado o Sacro Império Romano-Germânico durante o medievo, sendo o Segundo Reich formado por Bismarck após a unificação alemã (1871) e marcado pela vitória dos alemães na Guerra Franco-Prussiana. A população alemã buscava, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, aquele que fosse dar continuidade à glória de sua Nação, para assim edificar um Terceiro Reich no continente europeu.

passou a ser reconhecida também como uma “Ciência de fundamentação territorial e racial determinante no movimento dos povos e dos Estados” (FERNANDES, 2011, p. 277).

Já o conceito de *Lebensraum* — Espaço Vital — também serviu como elo, no que diz respeito às contribuições de desenvolvimento geopolítico dos ideais alemães. Segundo Arcassa e Mourão (2011, p. 4), os estudos e as teorias elaborados pelo geógrafo Friedrich Ratzel (1844–1904) influenciaram aquilo que se denominou como geopolítica alemã, ou, mais precisamente, de *Geopolitik*, despertando polêmicas em prol de suas relações e aproximações com o Nazismo. Assim:

As discussões sobre ela têm sua origem no fato de que até que ponto este era o único desenvolvimento possível, ou se trata de uma distorção das ideias ratzelianas. O que parece fora de dúvida é que Ratzel é um referencial indiscutível e reconhecido por parte dos geógrafos envolvidos (FONT; RUFI, 2006 apud ARCASSA; MOURÃO, 2011).

Associada à matriz ideológica do Partido Nazista, a doutrina do Espaço Vital teve um papel fundamental durante o processo da unificação alemã, além de ter servido como influência para Haushofer, conforme mostra o trecho a seguir:

Foram fontes importantes de inspiração para o principal teórico geopolítico e general militar, Karl Haushofer. No momento da sua visita à Suécia em 1935, Haushofer estava prestes a publicar a 25ª edição alemã de *Die Grossmächte de Kjellén* [...]. A ideia de que os Estados não eram entidades jurídicas fixas, mas organismos dinâmicos que competiam na cena internacional, era algo que apelava para Haushofer. Ele deveria fundir esse pensamento com o conceito de *Lebensraum* de Ratzel, que mais tarde alcançaria Hitler (TUNANDER, 2001 apud AMUSQUIVAR; PASSOS, 2018).

Nesse sentido, Arcassa e Mourão (2011) afirmam que poder e estratégias de controle e dominação, a partir do território controlado pelo Estado Nacional, foram questões sempre levantadas na agenda da geografia política do século XX. Não obstante, Andrighetto e Adamatti (2016) apontam que com a chegada do Partido Nacional-Socialista ao poder e tendo o *Führer* como a representação máxima do Estado, o direito passara a não atender mais às demandas das leis universais.

O pensamento Nazista na Alemanha do Terceiro Reich

O termo “Nazismo” é derivado da sigla “Nazi”, a qual fora utilizada para referir-se ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, orquestrado por Adolf Hitler no início dos anos 1920 em meio a uma conjuntura alemã, conturbada após a Primeira Guerra Mundial (1914–1918).

A situação do continente europeu com o fim da Grande Guerra era recheada de problemas políticos, sociais e econômicos. Com o Tratado de Versalhes assinado por diversos países na Conferência de Paz, a Alemanha fora julgada como a principal causadora do conflito no evento catastrófico. Com caráter punitivo, o Tratado fora recebido como forma de *Diktat* — imposição — pelos alemães, os quais tiveram de entregar grande parte de seus territórios à França e à Polônia, afundando-os em uma grande crise econômica. Por conta disso, a reação alemã culminou na eclosão de pensamentos e em políticas extremistas, visando excluir minorias raciais. Como afirma Vizentini (2012, p. 147):

A guerra legou, especialmente à Europa uma série de graves problemas. As questões das minorias nacionais que havia sido um dos estopins de guerra, acentuou-se com o fortalecimento da consciência nacional e dos princípios de autodeterminação dos povos. As mudanças de fronteiras não só não resolveram os problemas das minorias da Europa Oriental, como ainda transferiram aos novos e instáveis Estados da região. Esta questão afetava particularmente a Alemanha, pois o desmembramento do Império Austro-Húngaro fez com que as minorias alemãs do Leste passassem de uma posição dominante a uma de inferioridade dentro dos novos países. Isto aumentou o nacionalismo étnico alemão, o que, dentro deste país fragilizado pela hiperinflação de 1923, também se revestiu de hostilidade em relação aos imigrantes do Leste Europeu, detentores de moedas fortes, os quais ocuparam parcialmente o lugar da classe média alemã — que os considerava “judeus” —. (VIZENTINI, 2012, p. 147)

Esses graves problemas refletiram em eclosões de regimes autoritários, dentre eles, o Fascismo alemão — Nazismo —, que segundo Vizentini (2012), possuía como bases principais o desprezo pelo sistema democrático e pela razão Iluminista, o extremo sentimento nacionalista e a aversão ao Liberalismo e ao Socialismo. Além disso, o Nazismo teve como principal característica o racismo e o teor de ser um movimento contrarrevolucionário e antiparlamentar. Ainda segundo o autor, o pensamento Nazista só pôde ser implementado no Estado alemão por corresponder ao exagerado conservadorismo da classe média do país, formada por pequenos burgueses e comerciantes locais. Dessa forma, o autoritarismo passou a ser o modelo de sistema governamental objetivado pela maioria dos alemães. Isso porque os mais conservadores repudiavam a República e a Democracia, afirmando que estes sistemas eram peça-chave na conspiração que teria levado às crises que se alastraram na Alemanha momentos antes da ascensão de Adolf Hitler. Durante a década de 1920, o Liberalismo e os ideais democráticos estavam chafurdados em uma profunda e intensa crise.

Envolto nessa difícil conjuntura social, econômica e política, o pensamento nazista do Terceiro Reich era constituído pela noção de purificação da raça ariana, considerada a base da humanidade e que deveria ser mantida e purificada. Tal pensamento excluía os judeus, os ciganos, os homossexuais, os latinos etc. Em suma, todos aqueles que não se enquadravam no ideal da “pureza ariana” eram passíveis de ser exterminados (TEIXEIRA; SILVA, 2017).

Concordando com isso, Bertonha (2009) evidencia que o pensamento nazista absorveu as ideias do racismo científico e colocou o ideal de raça ao posto de divisor central entre os povos e as pessoas. Como resultado, o pensamento nazista levou o racismo biológico ao seu máximo desenvolvimento, assimilando as noções culturais e linguísticas quanto aos ciganos e aos judeus. Esses elementos podem ser observados no livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, o qual posteriormente serviu de base principal para os ideais pregados pelo Partido Nazista. Inserido nesse contexto, na cidade de Landsberg, Hitler redige os pilares principais do Partido Nazista.

Assim, entende-se que apesar das atrocidades levadas a cabo em função do pensamento nazista, torna-se necessário refletir sobre o tema para mostrar as distorções que algumas ideologias representaram na realidade do passado. Isso porque o Nazismo enquadrava a “virulenta combinação de nacionalismo, racismo e moralismo que faz parte do sistema secular de convicções dominantes na Alemanha do século XIX e início do século XX” (STACKELBERG, 2002, p. 67). Devido a isso, tal pensamento comportava a noção de liberdade, o idealismo alemão, o idealismo vulgarizado — *Vulgaridealismus* —, o antissemitismo político e racial — *Völkisch* — e o nacionalismo, todos utilizados como justificativas de “escravidão” em relação a certos povos, além, claro, do extermínio — como no caso dos judeus.

A obra marcante do pensamento Nazista, intitulada *Mein Kampf* é dividida em duas partes mais o prefácio. Na primeira parte, são apresentados 12 capítulos que discorrem vários aspectos, desde a relação de Hitler com a casa paterna, até o primeiro período do desenvolvimento do Partido Nacional Socialista. A segunda, por seu turno, conta com 15 capítulos envoltos nos pensamentos próprios de seu partido, incluindo Doutrina, Partido, Estado, além de ideias fundamentais sobre a organização dos trabalhadores alemães.

Os ciganos e o Parrajmos: a Devoração

Sabe-se que Hitler era um ótimo orador e que por meio da linguagem, pôde materializar as suas visões de mundo. Com base nisso e buscando disseminar o pensamento nazista, o líder expõe em sua obra elementos primordiais e que foram utilizados como justificativa de perseguições a diversos grupos na Alemanha: a raça, o idealismo, antissemitismo e o nacionalismo.

Inicialmente em sua obra, Hitler argumenta acerca da raça para os seus receptores. Sequencialmente, é apresentado que “um dos princípios básicos de maior importância na sua organização a saber é o isolamento de todos os seres vivos desta terra dentro das suas espécies” (HITLER, 1983), de modo que as misturas de raças comprometem aquela que, em sua concepção, é tida como verdadeira e denominada como “ariana”. Com base nisso, o que seria, então, a raça ariana? Nas palavras do próprio Hitler, de modo amplo e geral, a raça ariana significava “raça pura”.

Na concepção daquele que se tornaria um dos maiores ditadores e representantes da extrema-direita, a raça ariana é a única que alcança a civilização, simplesmente porque ela não se “misturou” e assim prevaleceu sobre as outras que se misturaram. A raça ariana é limpa, guerreira, forte e vencedora, como afirma Guimarães (2012). Portanto, estava explicado que a noção de raça advém da natureza e não se questiona. “Esse instinto que vigora em toda a Natureza [...] tem por consequência não só levantar uma barreira poderosa entre cada raça e o mundo exterior, como também uniformizar as disposições naturais” (HITLER, 1983).

Tal argumento de purificação racial acaba por excluir os ciganos dos arianos, em detrimento ao histórico do grupo amplamente diversificado e “misto”. Moonem (2011) discorre que o documento mais antigo a respeito dos ciganos é de um monge grego, do ano de 1050, que consiste em abordar o auxílio concedido ao então Imperador de Constantinopla, Constantino IX (1000–1055). “Para matar uns animais ferozes, solicitou a ajuda de adivinhos e feiticeiros chamados ‘Adsincani’” (MOONEM, 2011, p. 9). As principais teorias também atribuem, a partir de análises linguísticas, a origem do povo cigano ao “Norte da Índia, tendo ocorrido a migração principalmente no primeiro quarto de século do segundo milênio” (GUIMARAIS, 2015, p. 353). Essas análises, entretanto, não são concretas, pois até chegarem ao continente europeu, os variados grupos dos ciganos podem ter absorvido elementos dos vocabulários grego, bizantino e árabe. Não se sabe ao certo as razões e causas dessas migrações, atribuídas, muitas vezes, ao domínio muçulmano da região em que habitavam.

No entanto, sem aprofundar nos períodos das grandes imigrações ciganas para a Europa, não se pode deixar de considerar que esse grupo era associado a determinados tipos de comportamentos e acontecimentos negativos. Dessa forma também muitos relatavam a aparência e os costumes “exóticos” dos ciganos e os atribuíam a roubos e saques. Não obstante, os ciganos também foram escravizados durante muito tempo.

Desde a sua chegada à Valáquia⁷ e à Moldávia, os ciganos foram escravizados de forma sistemática nesses territórios. Permaneceram nessa condição social por muitos séculos, até o surgimento das leis abolicionistas na metade do século XIX. Assim, ao longo desse período, os termos “cigano” e “escravo” se tornaram sinônimos (GUIMARAIS, 2015, p. 353). No entanto, a emancipação não fora um sinônimo de total liberdade a eles. Ao longo das suas inúmeras migrações, os ciganos encontraram resistência à sua presença.

Na Alemanha de 1899, por exemplo, foi criada a “Agência de Informação Central para o Combate da Moléstia Cigana”, sob a coordenação do investigador criminal Alfred Dillmann, cujo principal objetivo consistia em “registrar os ciganos” (GUIMARAIS, 2015, p. 354) e que alicerçou os ideais de Hitler, resultando na exclusão desse grupo em relação aos preceitos do arianismo.

Retomando ao Terceiro Reich, observa-se que o antissemitismo defendido por Hitler expõe aberta e claramente ao *Völkisch*⁸, da mesma forma que Stackelberg (2002) indica. Isso significa o ódio e o desprezo aos grupos judeus, bem como em relação a todos os demais grupos que eram considerados por Hitler como não arianos e indignos de se enquadrarem no que era pregado pelo arianismo. De acordo com isso, a intolerância racial praticada pelos nazistas perseguiu e executou o tanto quanto possível de judeus, inimigos e opositores políticos, além de homossexuais e portadores de deficiência física. Importante destacar também que os ideais que fundamentaram essa perseguição foram construídos nos séculos anteriores, especialmente no século XIX, que segundo Guimarães (2015), conceberam três grupos como entidades raciais e sub-humanas: judeus, ciganos e eslavos.

Indo pela mesma linha de Guimarães (2015), Stackelberg (2002) evidencia que o Nazismo não só reforçou, como também amplificou as ideias de Arthur de Gobineau (1816–1882), Richard Wagner (1813–1883), Wilhelm Marr (1819–1904), Eugen Dühring (1833–1921), o expatriado inglês

⁷ A Valáquia é uma região pertencente ao Estado da Romênia, localizado no Sudeste europeu.

⁸ O termo *Völkisch* — em português, “antissemitismo racial” — não só se refere apenas ao racismo, como também possui uma relação com o romantismo nacionalista difundido na Alemanha do final do séc. XIX.

Houston Stewart Chamberlain (1855–1927), e uma ampla parcela de intelectuais que se encontravam em uma escala de menor expressão, mas que popularizaram o antissemitismo racial no território alemão.

Ainda nessas circunstâncias, Hitler complementa seu ideário nazista com o que poderia ocorrer caso um ariano menosprezasse suas ideias racistas — o que, segundo ele, causaria uma interrupção para o progresso humano. Afinal, tal progresso alegado por ele depende única e exclusivamente dos mais evoluídos culturalmente: o povo germânico-ariano, conforme evidencia o trecho a seguir:

O homem que desconhece e menospreza as leis raciais, em verdade, perde, desgraçadamente a ventura que lhe parece reservada, impede a marcha triunfal da melhor das raças, com isso estreitando também a condição primordial de todo progresso humano (HITLER, 1983).

Nesse sentido, pode-se notar a ideia de predestinação das raças, em que aquelas que são reconhecidas passam a ser, ao mesmo tempo, predestinadas pelos céus como superiores — diferentemente das que são consideradas inferiores. As “raças inferiores” nunca sairão dessa posição. A mistura entre a raça ariana e as raças consideradas inferiores é um pecado, o que corresponde ao empréstimo de ideias religiosas constituídas historicamente para tentar comprovar o seu ideário.

Inúmeras provas disso nos fornece a experiência histórica. Com assombrosa clareza ela demonstra, que, em toda mistura de sangue entre o ariano e povos inferiores, o resultado foi sempre a extinção do elemento civilizador. [...] O germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se ter conservado mais puro e sem mistura, ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue (HITLER, 1983).

De acordo com essas considerações, a raça ariana, para Hitler, é a raça superior, e aquela que não é ariana é inferior, depravada, suja, maculada. Hitler se posiciona de modo a comparar o ideal de raça com o ditado popular “separar o joio do trigo”, cujo texto pode ser encontrado na Bíblia Sagrada⁹, denotando uma diferenciação entre o que é superior e inferior, pautado exclusivamente na religião. Utilizando dos sentidos de seus receptores, Hitler (1983) afirma: “Tudo o que no mundo não é raça boa, é joio”. Portanto há, nesse contexto, uma insistência nos temas, tanto de comunidade

⁹A parábola do joio e do trigo é um dos textos que aparecem no Evangelho canônico do Novo Testamento — livro de Mateus, cap. 13, versículos: 24-3. Nela é afirmada que, no dia Juízo Final, os anjos irão separar os filhos do “maligno” — o joio, as ervas daninhas — dos filhos pertencentes ao reino de Deus — o trigo — Disponível em: <<http://resultspromocional.com.br/familiamissionaria1/O%20Joio%20e%20o%20trigo.pdf>> Acesso: 22 de mai. de 2020.

nacional, como pelo “sangue puro”, pela “pureza da raça”, da ordem das virtudes guerreiras e do esmagamento dos inimigos (COGGIOLA, 1995).

Hitler ainda levanta três categorias de raça na humanidade: “fundadores, depositários e destruidores de Cultura, só o Ariano deveria ser visto como representante da primeira classe” (HITLER, 1983). Por essa percepção, o ariano é o fundador das criações e genialidades da humanidade. Não há espaço para outros, o que evidencia que tais elementos racistas postulados por ele só reforçavam o que Stackelberg (2002) considera como uma arma tática da direita política na virada do século XIX para o XX: o apelo voltado para teorias biológicas como forma de legitimação científica para seu discurso.

Atrelado ao pensamento sobre as raças, outro termo que aparece com certa frequência na obra predominantemente retórica de Hitler é o de “idealismo”, o qual também foi utilizado como justificativa da perseguição a outros grupos étnicos. Assim, o idealismo, conforme Hitler, consiste naquilo que se opõe ao egoísmo, corresponde aos ideais de coletividade e que conserva a raça ariana. A partir disso, é preciso união para que tal questão seja, de fato, implementada. União no sentido de se sacrificar pelo pensamento nazista e pelo nacionalismo, cujo impulso advém posteriormente às perdas da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Se for necessário sacrificar-se em prol desses ideais, tal ação deverá ser feita, uma vez que ela é coletiva e não se restringe apenas a um sentimento imbuído em paixões nacionalistas.

Disposição fundamental de que emana um tal modo de proceder, é chamada por nós Idealismo, em oposição ao Egoísmo. Entendemos por essa palavra a faculdade de sacrifício do indivíduo pelo conjunto de seus semelhantes. É necessário proclamar repetidamente que o idealismo não significa apenas uma supérflua manifestação sentimental, era e será sempre, em verdade, a condição primordial para o que denominamos "civilização"- Foi esse idealismo o criador do conceito "homem"! É a essa tendência interior que o ariano deve sua posição no Mundo, esse a ela também deve a existência do homem superior. O idealismo foi que, do espírito puro, plasmou a força criadora, cuja obra – os monumentos culturais - brotou de um consórcio singular entre a violência bruta e a inteligência genial (HITLER, 1983).

Dessa maneira, para legitimar suas ideias, Hitler utiliza do interdiscurso, retomando o histórico da Alemanha para constituir os elos sócio-histórico e ideológico da Nação, envolvida pelos sentimentos de humilhação e impotência da sua população que se rebelou em razão das medidas punitivas ao seu país após a Primeira Guerra Mundial. A ideia de coletividade e não egoísmo que

Hitler expõe em seu “idealismo” transforma isso em um corpo que se unirá e será representado dali em diante (ARNAUT, 1994 apud CAETANO, 2010). Não apenas isso, como também no ato de estabelecer, nessa passagem, uma doutrina pautada na paixão humana, nas crenças religiosas, nas experiências históricas, em valores sociais e conservadores e em doutrinas filosóficas.

Dentro desses aspectos, Hitler busca explicar os equívocos que a Alemanha cometeu antes da Guerra, afirmando que a principal causa de sua derrota fora a questão racial. Segundo ele, essa foi a mais importante causa das perdas da Alemanha. Há, desse modo, como afirmam Mai e Angerami (2006), uma maneira de tentar explicar esse motivo com base em ideias e estudos eugenistas, os quais visavam melhorar a espécie humana por meio do controle reprodutivo dos indivíduos. Tal ponto colocado se baseia em uma estratégia de relacionar e explicar as questões sociais, pautadas, principalmente, nos parâmetros das Ciências Biológicas.

Todos os importantes sintomas de decadência de antes da Guerra tinham seu fundamento na questão racial. Quer se trate de questões de direito público ou de abusos na vida econômica, de fenômenos de decadência ou de degenerescência política, de questões relativas a uma defeituosa educação escolar ou uma má influência exercida sobre adultos pela imprensa, etc., sempre e, em toda parte, surge a falta de consideração aos interesses raciais do próprio povo ou a cegueira diante do perigo racial trazido pelo estrangeiro. Daí a ineficácia de todas as tentativas de reforma, de todas as obras de assistência social, de todos os esforços políticos, de todo progresso econômico, de todo aparente acréscimo do saber. A nação e o Estado já não possuíam saúde real, o seu mal progredindo à vista d'olhos, cada vez mais, Toda prosperidade fictícia do antigo Império não conseguia ocultar a fraqueza íntima, toda tentativa de um verdadeiro fortalecimento do poder ficava sem efeito, pois deixava de lado a questão de maior importância, a questão racial (HITLER, 1983).

Hitler culpou os ciganos como os causadores dos problemas alemães, tanto no Terceiro Reich, como no passado da Nação. Com efeito, o Holocausto Cigano, ou *Parrajmos*¹⁰, exterminou e colocou grupos ciganos em campos de concentração. Nesses locais, eles foram forçados a trabalhar nas fábricas e em construções civis, sem receberem benefícios sociais. As leis de Nuremberg (1935) tinham como objetivo a proteção do Sangue e da Honra Alemã, além de incluírem a restrição ao casamento de alemães com ciganos — mesmo para aqueles que já estavam assimilados na sociedade —, assim como procedeu em relação aos judeus. Em 1938, um documento oficial, assinado por

¹⁰ Expressão Romani.

Henrich Himmler¹¹ apresenta a “Solução Final da questão Cigana” (GUIMARAIS, 2015). Referente à esterilização, Moonem (2011) cita que tal ato precedeu o início daquilo que ficaria denominado como “Genocídio”. No ano de 1940, a esterilização e o confinamento foram substituídos pelos campos de concentração, uma tentativa clara e direta de eliminação completa.

Por meio disso, Hitler estabelece um panorama entre a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial com a questão racial e o idealismo vulgarizado. A renúncia ao egoísmo parecia proporcionar uma conduta histórica superior ao comercialismo orientado para o Liberalismo e ao nivelamento ressentido do Socialismo. Dessa maneira, de uma “perspectiva idealista, as ideias de progresso e justiça social apenas mascaravam a degeneração de uma era na servidão aos valores materialistas” (STACKELBERG, 2002, p. 71). A junção do idealismo ao nacionalismo fora facilitada, pois ambos exigiam a subordinação dos interesses pessoais à entidade superior, à Nação. Assim, as duas doutrinas celebravam a coragem e o sacrifício pessoal.

Coragem, sacrifício pessoal e nacionalismo extremo omitiam, de tal forma, alguns dos campos de concentração que recebiam os ciganos em seu complexo — Auschwitz-Birkenau e Bergen-Belsen.¹² Diante de tantas atrocidades, o número de ciganos mortos não poderia ser diferente e, mesmo que não se conheça o número exato das inúmeras vidas perdidas desse povo, sabe-se que, ao final do conflito, continuaram relegados a estereótipos que há séculos perpetuam.

Apesar de lembrados em memória, os grupos ciganos são raramente colocados em protagonismo quando se trata de abordar, de maneira ampla, os grupos sociais que foram alvos do fascismo alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo no Tribunal de Nuremberg ocorrido logo após o fim do conflito, o maior enfoco pautou-se em crimes cometidos contra judeus, sem haver nenhum registro de criminosos condenados por suas ações contra a população cigana (MOONEM, 2011).

Acerca das noções de nacionalismo que são apresentadas no documento analisado, por meio de uma construção social da realidade (PESAVENTO, 2013), Hitler expunha uma outra ideia muito

¹¹**Henrich Himmler** (Munique, 1900/Luxemburgo, 1945) foi um dos principais líderes do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, Comandante do Exército da Reserva e nomeado para atuar na administração do Terceiro Reich pelo próprio Adolf Hitler.

¹² Não era um campo de extermínio, mas segundo Moonem (2011), muitos acabavam mortos por inanição e doenças, sendo que boa parte deles era enterrada em valas próximas aos locais de concentração.

importante no Nacional-Socialismo. Tal ideia fora também uma das bases de desenvolvimento do pensamento latente no Terceiro Reich.

Nota-se também que Hitler se dirige ferrenhamente a outros povos, incitando que o “outro” traz consigo a destruição e a fraqueza. Como exposto por Stackelberg (2002), dentro de um nacionalismo frustrado, os nazistas tinham a noção de que internacionalistas e democráticos também compunham a cúpula dos inimigos da Nação, os quais, supostamente, traíam e enfraqueciam o Estado. “Essa concepção da campanha do partido contra [...] a democracia foi a base para a contrarrevolução völkisch no contexto do pós-guerra” (STACKELBERG, 2002, p. 56).

A finalização do discurso de Hitler evidencia o que deveria ser feito para que a Alemanha se tornasse digna de todas as honras predestinadas à sua Nação. Com isso, a maneira que Hitler considera adequada por meio de sua fala ressalta a criação de um Estado Germânico e verdadeiramente autêntico. Essa frase não revela apenas o Estado no sentido burocrático, mas certamente também pelo viés racial. Se for preciso criar um Estado puramente germânico, então o líder nazista sugeria, de forma implícita, que os não considerados arianos deveriam ser exterminados do país, uma vez que os sentidos construídos têm a ver com o que é e não é dito e explícito nos discursos.

Novamente para sustentar seu discurso, Hitler aplica as questões sociais dentro de uma perspectiva das Ciências Biológicas (MAI; ANGERAMI, 2006), ao evidenciar um organismo popular. Observa-se isso no último parágrafo do capítulo 11 de seu livro:

Este conhecimento da situação interna é que deveria formular as diretrizes, assim como a tendência do novo movimento. Estávamos convencidos de que só isso seria capaz de fazer estacionar o declínio do povo alemão, criando simultaneamente a base granítica sobre a qual um dia se poderá manter um Estado que não seja um mecanismo de finalidade e interesses puramente econômicos, alheio ao povo, mas sim um organismo popular, isto é, um Estado verdadeiramente germânico. (HITLER, 1983).

Por meio dessas ferramentas ideológicas, Hitler utilizou vastamente de seu poder oratório para comover as pessoas e edificar os crentes do Nacional-Socialismo, amantes da pátria que havia sido drasticamente humilhada na Primeira Guerra Mundial. Com hipóteses pautadas nos sentidos ideológicos construídos com seus receptores, Adolf Hitler utilizou de artifícios que mexeram com as paixões da população alemã, apelando para valores religiosos, conservadores, sociais, experiências

históricas, doutrinas filosóficas e teses extraídas da Biologia para serem inseridas no âmbito social (CAETANO, 2010).

A doutrina que alicerçou a geopolítica de expansão da Alemanha na Segunda Guerra, a *Lebensraum*, se guiou nesses ideais biológicos aplicados ao mundo social. De maneira mais ampla, a Alemanha nazista adotou estratégias expansionistas durante a Segunda Guerra Mundial para conquistar o que denominava de *Heartland*, o Leste Europeu, inspirando-se no ideal de predestinação racial. Como efeito, a política expansionista e geográfica consistiu em diversos massacres e tomadas de territórios, tendo como alvo inicial a Polônia. Portanto, a ideologia nazista envolvia à geopolítica e à expansão territorial elementos referentes ao nacionalismo, idealismo vulgarizado e, substancialmente, ao antisemitismo.

A combinação desses elementos sobrepõe a uma falsa ideia de veracidade do que é encontrado na fala de Hitler; uma ideia de cientificidade, ao mesmo tempo em que mexe com as faculdades emocionais do leitor, sobretudo pelo seu discurso de ódio. Isso significa que não é apenas uma transmissão de informação proposta por Hitler, mas, por meio do seu discurso, coloca-se em pauta a relação de sujeitos, sentidos, significados, ideologias e a transformação mundial que transfiguraram a geopolítica do contexto.

Para além disso, o resgate da humilhação e a promessa da melhora foram, também, estruturas primordiais em seu texto. Consequentemente, Adolf Hitler utilizou de artifícios importantes para firmar um pensamento racista, antisemita e dizimador de diversos grupos pelos quais ganharia adeptos em várias regiões da Europa — e, até mesmo, externamente ao continente europeu —, desencadeando em preconceitos aos grupos ciganos que se prolongariam após o conflito.

Considerações Finais

Diante da análise de todos os elementos levantados neste artigo, pode-se inferir que as transformações geopolíticas e o pensamento da Alemanha no Terceiro Reich influenciaram os processos de perseguições e extermínios aos grupos ciganos que residiam no país entre os anos 1939 a 1945.

Nos anos 1920, com a publicação de *Mein Kampf*, Hitler dava vazão a um pensamento antisemita, nacionalista e excludente, elaborando-o por meio de teses biológicas e darwinistas: um homem ideal na Alemanha — o ariano. A obsessão para reconstruir o que denominava de um

“Estado Verdaderamente Germânico” resultou em perseguições, genocídios e atrocidades contra os povos que não se encaixavam em seu pensamento de teor racista. Os ciganos que faziam parte desses grupos “impuros”, em 1935, passaram a ser realocados nos guetos, sob comando da polícia e sem direito a mobilidade. Três anos depois aparecera, pela primeira vez, a referência de Solução Final à Questão Cigana, decreto esse assinado por Heinrich Himmler, da Schutzstaffel. Tal Solução Final fora iniciada efetivamente no ano de 1942, em que alguns foram enviados à Auschwitz e outros, ainda, serviram de cobaias aos experimentos médicos nazistas. Da mesma forma que os judeus, os ciganos foram perseguidos e mortos por um extremismo sustentado em ideais obsessivos.

Dessa maneira, o pensamento nazista, além de buscar expandir seu território, não hesitou em excluir e perseguir diversos grupos que não eram “puros” e que não se enquadravam dentro de seus preceitos. Mesmo que sempre se faça jus à memória dos judeus, não se pode esquecer que os ciganos, devido à sua trajetória histórica, também não se encaixavam na ideologia difundida pelo Terceiro Reich. Portanto, memórias do cotidiano buscam dar voz a esse grupo, assim como fora ocorrido com os judeus.

Ao finalizar o artigo, fica evidenciado o que a História já registrou: o ódio, a qualquer grupo que seja, sempre mostra o lado mais perverso e obscuro do Ser Humano. As ideias que Hitler apresentou na primeira metade do século XX se intensificaram e se tornaram atitudes cruéis no *Parrajmos*, ceifando, dessa maneira, vidas inocentes. Que a memória dos ciganos seja sempre lembrada, pois eles foram — tal como ainda permanecem sendo — alvos de um pensamento cruel. O que se espera, então, por parte deste artigo, é dar voz a estes grupos que são estigmatizados por uma suposta normalidade, que de tempos em tempos se vale da sua força majoritária para justificar crimes hediondos.

Referências Bibliográficas:

AMUSQUIVAR, E. L.; PASSOS, R. D. F. dos. A gênese da geopolítica e sua difusão na história mundial. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 5, n. 1, jan./jun., 2018, p. 19-40. Disponível em: <<https://rbed.abedef.org/rbed>>. Acesso em: 15 de mai. de 2020.

ANDRIGHETTO, A; ADAMATTI, B. A Lei como Instrumento de Poder do Nazismo: uma análise a partir da crítica de Franz Neumann. **Revista Brasileira de História do Direito**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 60-76, jul./dez., 2016. Disponível em: <<https://indexlaw.org/index.php/historiadireito>>. Acesso em: 18 de mai. de 2020.

ARCASSA, W. S. de; MOURÃO, Paulo. F. S. Karl Haushofer: a *Geopolitik* alemã e o III Reich. **Departamento de Geografia da FCT/UNESP**, Presidente Prudente, n. 11, v. 1, janeiro a junho de 2011, p. 1-14. Disponível em: <<https://www.fct.unesp.br/#!/departamentos/geografia/>>. Acesso em: 19 de mai. de 2020.

_____. A Geopolítica Alemã e a Segunda Guerra Mundial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA E GESTÃO TERRITORIAL E SEMANA ACADÊMICA DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, n.º. 24., 2018, Londrina-PR. **Anais Eletrônicos** [...] Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <<http://anais.uel.br/portal/index.php/sinagget>>. Acesso em: 15 de mai. de 2020.

BERTONHA, J. F. O Império de Hitler: a nova ordem nazista na Europa 1939-1945. *Revista Tempo*, v. 14, n. 28. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a11v1428.pdf>>. Acesso em: 05 de ago. de 2020.

BOLSANELLO, M.A. Darwinismo social, eugenia e racismo. **Revista Educar**, Curitiba, n. 12, p. 153-165. 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a14.pdf>>. Acesso em: 12 de mai. de 2020.

CAETANO, T. L. F. Mein Kampf e o ideário nazista. **Revista Consilium**, Brasília, n. 4, v. 1, mai./ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistaconcilium.com/>>. Acesso em: 09 de mai. de 2020.

CARDOSO, C; VAINFAS, R. História e análise de textos. In: **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997. 5ª ed.

COGGIOLA, O. **A Segunda Guerra Mundial: causas, estrutura, consequências**. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

FERNANDES, M. O papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na I e na II Guerras Mundiais. **Revista Nação e Defesa**, n. 129, v. 5, 2011. p. 263-287. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7637/1/NeD129_MarisaFernandes.pdf> Acesso em: 10 de mai. de 2020.

GUIMARÃES, M. R. O termo Ariano e a Narrativa Indo Europeia. **Revistas Línguas & Letras**, v. 19, n. 43, 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/20439/pdf>>. Acesso em maio de 2020.

GUIMARAIS, M. T. S. O extermínio dos ciganos durante o regime nazista. **História e Perspectivas**, Uberlândia (53), jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hEfKcZS9IUoJ:www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/32779/17721/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 12 de mai. de 2020.

HITLER, A. Povo e Raça. In:_____. **Mein Kampf**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

LACOSTE, Y. Da Geopolítica Clássica à Geopolítica Pós-Moderna: entre a ruptura e a continuidade. **Revista Política Internacional**, n. 26, outubro-Inverno (2002). Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/reccida/gepoliticasPessJNeto.pdf>>. Acesso em maio de 2020.

MAI, L. D; ANGERAMI, E. L. S. Eugenia Negativa e Positiva: significados e contradições. **Revista Latino América/Scielo**, v, 14, n. 2, mar./abr. 2006. p. 251-258. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a15.pdf>>. Acesso em: 17 de mai. de 2020.

MOONEN, F. **Anti ciganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª edição digital. Recife: 2011. 228p. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/anticiganismo.pdf>. Acesso em: 28 de abr. de 2020.

ORLANDI, P. E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PERISSINOTO, R. M. Hannah Arendt, poder e a crítica de tradição. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, n. 61, 2004, p. 115-138. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ln/n61/a07n61.pdf>>. Acesso em: 18 de mai. de 2020.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **Revista História da Educação**, ASPHE/FAE, UFPEL, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, set. 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220>>. Acesso em: 20 de mai. de 2020.

SANTOS, O. B. dos; SANTOS, C. de. S. dos. Geopolítica, Relações de Poder e a Territorialidades da Tríplice Fronteira – Brasil, Paraguai e Argentina. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 21, v. 1, 2016, p. 316-336. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/2237/1408>>. Acesso em: 15 de mai. de 2020.

STACKELBERG, R. **A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados**. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago ed. 2002, 412 pp.

TEIXEIRA, I. M; SILVA, E. P. História da Eugenia e ensino de genética. **História da Ciência e Ensino**, v. 15, 2017, p. 63-80. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317051778_Historia_da_eugenia_e_ensino_de_genetic_a?enrichId=rgreq-c184676dcbba1500c8731b3ecfce7df5-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMxNzA1MTc3ODtBUzo2Mzg4NTc4OTY3OTYxNjNA MTUyOTMyNzAwMDc5Mg%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf>. Acesso em: 06 de ago. de 2020.

VIZENTINI, P. **História mundial contemporânea (1776-1991): da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012. 3ª ed.